

Com uma das mãos, João levantou o véu como se pela primeira vez e para sempre pudesse guardar aquela imagem inteira. Os olhos inquietos dela pareciam querer dizer algo, disso ele sempre tinha sabido, mas jamais havia conseguido precisar o quê. O poder que um dia havia faltado para mudar o destino se limitava agora àqueles segundos de admiração, idolatria inútil por aquela que já não podia tocar nem ver. As órbitas corredias pareciam querer brincar de esconde-esconde. Sua cor revelava um desejo de renovação, como se dentro do mágico instante da criação ele pudesse fazer o que nunca antes havia acreditado e ali descobrisse um ponto de fuga para qualquer perspectiva ou plano abandonado.

Por um momento temeu pelos olhos dela na hipótese de que julgassem neles um atrevimento prepotente e lascivo, descabido no seu ponto de vista, mas já era mais do que sabido o que aquela choldra combinava em mente: a intenção a todo custo de desfazerem o que desconfiassem bem feito. Melhor não dependessem os olhos dela dos críticos. Poderia ter cancelado o difamador encontro, impedido mais uma troça a um bem querido e íntimo, ignorado o que teriam a dizer as páginas dos jornais do dia seguinte, os salões de arte e os papos de bar cevados entre paredes coloridas e idéias esfumaçadas.

Como um artista entregue ao acaso, João manteve os olhos perdidos nos traços à sua frente, pensando, e quase não percebeu a nesga de luz que, através da janela, beijava aquela face e lhe trazia de volta ao seu plano. Assegurou-se então ter de recorrer novamente à velha aquarela de toda a sua vida. Não tinha escolha, precisaria enfrentar os olhos de todos eles.

Funcionário público, ainda no princípio da carreira, atendia num posto da previdência, circundado por colunas de papéis. O ruído das máquinas de escrever misturado às vozes reclamantes pintava, sem saber o porquê, uma tela escura e intrigante, de cores negras sobrepostas, num todo tão conciso, único e ao mesmo tempo tenaz, que sequer permitiria compará-la aos carretéis de

¹ **Autoria:** Rafael Reginato

Iberê Camargo. Ainda naquele início de profissão, conseguia distinguir a fronteira de cores escuras da imagem da qual também fazia parte, como se pudesse perceber a sutil diferença que lhes separava e escolher a que mais agradava. Não sabia que, com o passar dos anos, teria de acostumar suas vistas ao completo e gradativo negror.

Agora, aposentado, ainda por vezes a visão daqueles anos de serviço público encobriam com sua grossa camada de tinta negra a mistura de cores vivas que conseguia pintar no final da vida. A diferença estava ali, naquele quadro iniciado há algumas semanas e mantido sob o branco véu, como virgem intocada, com aqueles olhos de esperança a perscrutar tudo: sua casa, sua família, seus livros, seu ateliê, até chegar à sua alma, onde nenhum outro olhar tinha conseguido penetrar.

Registrados para a posteridade, como a tinta do carimbo que durante quase toda a vida precisou usar, João sabia que assim retinha para ele a descoberta daquela primeira vez, quando ainda trabalhava no balcão da repartição pública e viu escapular do interior de um dos processos que manuseava um folheto com a imagem desordenada, de uma vibração de cores jamais experimentada por ele e inesquecivelmente pintada com aqueles olhos. Só mais tarde, quando já se achava apaixonado pela arte deles, impressa naquele pedaço de papel que carregava para onde ia, é que João soube pela mulher que veio à repartição pedir informações sobre um processo que não se tratavam de simples olhos:

- Joan Miró não pintava imagens ou figuras, pintava apenas os símbolos delas. E, como o mais transgressor e enigmático dos surrealistas, ele bem poderia enganar quem estivesse despreparado para entendê-lo – disse ela.

Foi justamente durante aquela conversa que João obteve a certeza de que eram olhos de verdade os simbolizados no folheto, os mesmos olhos que naquele momento lhe olhavam emoldurados pelo guichê do balcão e exprimiam entusiasmados, correndo de um lado a outro, as idéias do grande artista catalão. A dona do processo e da imagem de Miró se chamava Clara e assim ficou sendo para sempre, mesmo quando depois de alguns anos a doença quis escurecer seus olhos e, mais tarde, logo após a formatura do segundo filho, fechou-os dolorosamente.

Agora, naquele ateliê, os olhos abertos dela olhavam-lhe com o véu ainda suspenso acima do quadro, como se cuidassem dele, brincando entre a profusão de tintas e elementos tresloucados que formavam uma rara fase de assimetrias ao fim de sua vida. Com o pincel suspenso, gasto pelos anos, João ainda recordava as palavras de incentivo dela após ele mostrar os primeiros esboços daquela sua nova e última fase. Mesmo depois daquela época, já aposentado e preferindo o silêncio de seu ateliê a receber a visita de amigos e parentes como lembrança das vozes e ruídos sufocantes da repartição, João se pegava questionando-se sobre a real necessidade do que fazia. Agora, no ateliê, ele voltava a se perguntar: precisava ele agora reacender a luz daqueles olhos para, na dependência deles, poder também olhar o mundo? Que importância dava a ter de exibi-los aos olhos dos outros na exposição que inauguraria logo mais à noite, juntamente com as obras dos demais pintores da associação dos artistas plásticos a que pertencia? Afinal, a idéia da exposição não havia sido lançada por ele mesmo numa das reuniões do grupo? Talvez estivesse a tomar coragem, a se mostrar verdadeiramente para o mundo, afastado das inibições que representassem aquilo jamais pintado por ele, a obra-prima do fim da vida. Que o vissem pelos olhos dela!

Como costumava fazer nas aberturas de exposições em que participava, João preferiu se postar numa das extremidades da sala, de onde pudesse enxergar o seu quadro exibido entre os demais. Permaneceu assim, misturado aos visitantes, críticos de arte, colecionadores e outros artistas, sem revelar seu nome nem a razão de estar ali, indiferente às mais diversas observações, idéias e interpretações que saturavam o ambiente e chegavam aos seus ouvidos anônimos: “acho que merecia um pouco de claridade”, “esses traços vermelhos que correm a tela e se cruzam me passam uma idéia de profanação, de herético”, “não me parecem olhos, como dizem, mais se assemelham a protozoários”, “eu imaginava que esses olhos fossem coloridos e sadios, mas são tão negros e sem brilho!”, “eu vi um desses num programa de televisão, mas eles pareciam maiores e mais vivos... terá sido a minha televisão que distorceu”?

Como num quadro de natureza morta, João acompanhava inânime o movimento das pessoas pelo recinto sem esquecer por um momento dos olhos que, do outro lado da sala e entre o público, observavam-lhe através da moldura. Foi quando notou, de

repente, o olhar carvoento que eles voltavam a lhe dirigir depois de anos, opacos e penetrantes ao mesmo tempo. À sua esquerda, naquele mesmo instante, um homem que estava de chapéu gritou para espanto de todos:

- Os olhos dela estão fechados!

Na semana em que encaminhava os documentos para a aposentadoria e Clara já apresentava sintomas da doença, João seguiu trabalhando, auxiliado de perto por uma estagiária que o chefe da repartição havia destacado para poupá-lo de esforços maiores durante suas últimas semanas de trabalho. Na verdade, a moça serviu como uma espécie de prêmio por todos aqueles anos sem distrações, oprimidos entre as paredes descoradas da rotina diária. Os olhos dela lembravam o da mulher que anos antes tinha entrado naquela repartição e, desde o balcão de atendimento, mudado a sua vida.

Quando chegou certa noite em casa e, contra a sua vontade, entrou no quarto em que Clara resfolegava deitada à cama, encontrou no rosto da esposa uma expressão de assombro que parecia suplantar a dor da morte. Os olhos escuros de Clara acompanhavam o esforço da boca que tartamudeou, como se gritasse pela última vez:

- Não preciso olhar para você. Nem me olhe, se preferir. Eu já sei de tudo.

João estendeu o seu silêncio até sair do quarto, até cambalear pesadamente pelo corredor, até o choro que lhe convulsionou o peito e espargiu sem parar, até a hora em que o filho mais velho lhe revelou que tinha visto ele e a estagiária juntos fazendo coisas que preferia não repetir, e havia contado para a mãe, até voltar desenganado àquela sala da exposição e, por entre as pessoas que cercavam curiosas o quadro, procurar mais uma vez o perdão nos seus olhos de Miró.